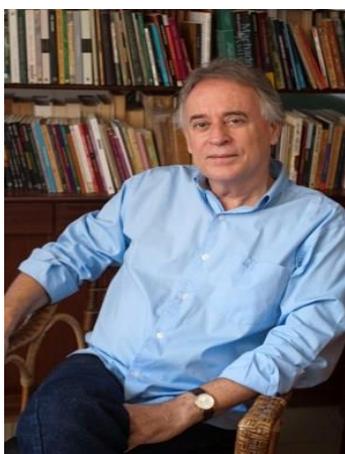


ENTREVISTA COM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO, PROFESSOR TITULAR DE LITERATURA BRASILEIRA DA UFRJ

Entrevistado por:
Ivanete França Galvão de Carvalho (Mestranda em Literatura Portuguesa)
Luiza Araujo Vicentini (Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa)



Godofredo de Oliveira Neto é Professor Titular na cadeira de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É graduado e mestre em Letras pela Université de Paris III - Sorbonne - Nouvelle, doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) e Pós-Doutor com pesquisa na Georgetown University. Diplomado pelo Instituto de Altos Estudos Internacionais da Universidade de Paris II – Sorbonne, o professor é também Romancista e Contista premiado pelo Jabuti e integra o Guia Conciso de Autores Brasileiros publicados pela Biblioteca Nacional. Autor de 21 livros e detentor de diversas medalhas, o professor Godofredo, com simplicidade e generosidade proporcionais ao seu impressionante currículo, nos cedeu, com grande simpatia, esta bela entrevista.

PALIMPSESTO

O tema desta entrevista, “Literatura em tempos de crise: mídia, crítica e produção literária como formadores de opinião”, toma a crise como um de seus pontos-chaves para discussão. Em que sentido a crise permeia a arte, e como este processo se dá?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Acho que cabe aqui primeiro relembrar que a literatura é o locus onde se universalizam e perenizam os conflitos históricos de uma época - o conflito pode ser de ideias e de filosofias e de sentimentos. Mas não se deve esquecer a especificidade da linguagem da literatura, que é, antes de mais nada, uma arte. Fatos da sociedade são trazidos para a literatura. O instrumental mental e estilístico de um escritor tem a ver com o seu momento. É falsa a ideia de que o escritor é um ser ungido por Deus. (Risos) Quando há crise parece, de fato, que as artes são mais vigorosas, mas penso que apenas o tema seja mais controverso, e então produtivo para os leitores. Daí essa impressão.

PALIMPSESTO

Pesquisadores como Martha Nussbaum compreendem a literatura e as humanidades como ciências extremamente relevantes para construção da empatia e a manutenção da

democracia. O senhor reconhece a literatura como uma ferramenta política? O que seria uma “literatura de resistência”, por exemplo?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

A literatura é um diálogo entre vários escritores: os interlocutores do texto e o contexto atual ou passado. A literatura desafia a autoridade e não tem compromisso com essa autoridade, só tem compromisso com ela própria. Mas ao dar voz a quem não tem, por exemplo, ela é resistência, também quando ela impõe valores éticos e estéticos. Ítalo Calvino tem uma bela reflexão sobre literatura e política nessa linha. A literatura suprime a mediocridade e a finitude da condição humana, a arte é maior que o mundo.

PALIMPSESTO

Em “Homens em Tempos Sombrios”, Hanna Arendt refere-se às grandes tragédias do século XX: há o declínio do mundo público num momento de turbulência social e política, além de uma reflexão sobre homens e mulheres em tempos sombrios. De acordo com suas pesquisas e experiência, como a história tem influenciado a literatura contemporânea? Existiria um apagamento nas linhas que separam ficção e a realidade? O senhor poderia comentar este e/ ou citar outros exemplos de obras literárias que exerçam um papel histórico relevante para o momento atual?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

A História é filha do tempo. Os estudos na linha da história das mentalidades vão por aí. Trata-se de analisar as representações coletivas e o pensamento corrente em um espaço e em um momento dado. A vitória do "eu" no mundo neoliberal pós-queda do muro de Berlim (aqui uma metonímia) engendrou o que, na literatura, se chamou de pós-modernismo, termo que caducou em prol do termo literatura contemporânea. A competição desenfreada, a valorização do autor mais do que a sua narração, a presentificação, a mistura de gêneros, a desimportância do passado cultural como um todo estão no fazer literário nas duas últimas décadas do século XX e na virada para o século XXI, mas com perda de velocidade. A Clarice, em *Água Viva*, toca nesse assunto. O apagamento das fronteiras entre ficção e realidade é esteticamente marcante. Trabalha-se o texto recuperando o que chamam de restos do real. Penso que o livro *Submissão*, do Houellebecq, que aborda ficcionalmente o domínio do islamismo numa metrópole ocidental como Paris vai nessa direção por tratar de um tema fulcral no debate político contemporâneo.

PALIMPSESTO

Perante o alto índice de leituras breves na contemporaneidade, como a literatura se sobrepõe em defesa do pensamento crítico? A literatura de hoje precisa ser incômoda?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Houve a partir dos anos 90 no Brasil uma "perda" da ideia de critérios canônicos, a obra de Clarice ou, por exemplo, de Wally Salomão, apontam isso. E talvez por essa razão a

diminuição da obrigatoriedade de modelos catedráticos cativou a nova geração. Houve como uma dessacralização da literatura, que a Ana Cristina César tanto defendia. Não por acaso são as autoras adoradas pelos jovens. As ferramentas de divulgação e de publicação *via web* deram sustentação para essa nova ficção.

PALIMPSESTO

É possível traçar um perfil do leitor (de literatura) contemporâneo? Quais seriam as características deste leitor?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Apesar de haver um declínio nesse perfil, ainda vejo um leitor mais focado em literatura tipo roteiro de cinema, uma narrativa crua e direta, onde a competição maluca é valorizada, leitor que gosta de cenários de uma cidade devoradora, que não precisa de conhecimento do passado ou da cultura para apreciar a obra. Mas como disse há pouco, essa vertente me parece estar perdendo força cedendo lugar a valores mais específicos da literatura, um tipo de realismo do tipo Flaubert ou de um Graciliano.

PALIMPSESTO

Como a mídia e suas instâncias de poder influenciam na produção e no consumo de literatura? Quais os resultados dessas relações?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

As pesquisas apontam que os prêmios literários importam relativamente pouco para a vendagem dos livros. Acho estranho, mas parece que é assim. Mas o nome do autor como "grife" vai aos poucos se impondo e se afirmando, sim, via mídia. Talvez seja uma questão de tempo.

PALIMPSESTO

O livro "O Bruxo do Contestado" tem em seu teor tempos sombrios, como a Guerra do Contestado – um longo período de confronto e disputa de limites entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Traz ainda a Segunda Guerra Mundial e o período final da ditadura no Brasil. Esses relatos, embora ficcionais, costumam aguçar a curiosidade no leitor sobre dados históricos? Nesse sentido, qual seria o papel e as ferramentas do texto literário?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

A Guerra do Contestado foi um episódio estruturante na geopolítica mundial do século XX. A historiografia brasileira nunca estudou direito esse acontecimento. Pela primeira vez no continente americano, disputando com o México, foram utilizados aviões com fins militares, armas e munições usadas na primeira Guerra mundial foram testadas no Contestado, emissários do partido dos operários russos, exilado em Zurique, foram enviados à região, representantes dos sindicatos ingleses idem. O maior empreiteiro do mundo na época, Percival Farqwar, foi construir a ferrovia S. Paulo - Rio Grande, passando pela região. A primeira greve organizada por

trabalhadores brasileiros se deu naqueles rincões. O conflito Capitalismo x Socialismo, que se preparava no mundo, estava explícito ali. A internacionalização do conflito, por conta da fronteira com a Argentina próxima, ganhou mais vulto. Tropas argentinas foram prudentemente mobilizadas. Rui Barbosa e Epiácio Pessoa foram advogados dos dois estados brasileiros em litígio, Santa Catarina e Paraná, o que dá a dimensão também nacional da Guerra. E, no entanto, pouco se fala a respeito. Eu quis, sim, "aguçar", como na pergunta, a curiosidade do leitor. Havia pouquíssimas ficções escritas sobre. Um romance do Guido Sassi, excelente, aborda o tema com grande habilidade literária, mas ficava preso ao estilo do momento do autor. O cenário ficcionalizado começava naquela época da guerra e parava naquela época. No Bruxo do Contestado quis trazer o tema até os dias atuais. Existe agora um número bem maior de obras ficcionais abordando o tema.

PALIMPSESTO

O senhor, como professor de literatura brasileira na UFRJ, tem contato direto com estudantes. Quais suas impressões sobre os discentes de literatura nos cursos de graduação e pós-graduação?

GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Vejo uma curiosidade muito grande dos alunos a respeito da literatura brasileira. Mas é a pluridimensionalidade do texto que interessa a eles. Avalio que a saída é mesmo por aí, sem perder a especificidade estética da arte literária.

Como citar este artigo:

CARVALHO, Ivanete França Galvão; VICENTINI, Luiza Araujo. Entrevista com o professor Godofredo de Oliveira Neto, da universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, *Palimpsesto*, n. 24, p.15-22, jul.-ago. 2017. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num24/entrevista/Palimpsesto24entrevista01.pdf>>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507